



UM FAZ PARTE DO OUTRO: O DUPLO EM A *BÚSSULA DE OURO*, DE PHILIP PULLMAN

Marcos Antonio Ferreira Alves¹

Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Amapá (IFAP)

RESUMO

Este artigo teve como objetivo realizar uma análise do livro *A Bússula de Ouro* de Philip Pullman, chamando atenção para a estética do Duplo ressignificado na obra e de que forma a Psicanálise exerce um papel fundamental para a construção das personagens Lyra Belacqua e Marisa Coulter e seus respectivos *Daemons* (alma/consciência): Pantalaimon e Macaco Dourado. Como referência teórica recorreremos aos trabalhos de Cunha (2009), Freud (1925), Rank (2013), Kristeva (1994) e Fernandez-Bravo (2000). Concluiu-se que Pullman faz uso do conceito do duplo endógeno zoomórfico para a elaboração das personagens analisadas, recorrendo a concepção da alma atuando como consciência humana, mais especificamente o superego, além de apontar as críticas que o autor tece sobre organizações de poder religiosas, e a busca pela liberdade intelectual, social e pessoal em uma sociedade oprimida.

Palavras-chave: Pullman. Duplo e psicanálise. *Daemons*.

ABSTRACT:

This article aimed to perform an analysis of the book *Northern Lights* by Philip Pullman, drawing attention to the aesthetics of the Double resigned in the work book and how the Psychoanalysis plays a key role in the construction of the characters Lyra Belacqua and Marisa Coulter and their respective *Daemons* (soul/conscience), Pantalaimon and Golden Monkey. As a theoretical reference we resort to the works of Cunha (2009), Freud (1925), Rank (2013), Kristeva (1994) and Fernandez-Bravo (2000). It was concluded that Pullman makes use of the concept of the zoomorphic endogenous double for the elaboration of the analyzed characters, resorting to the conception of the soul acting as human conscience, more specifically the superego, in addition to pointing out the author's criticism of religious power organizations, and quest for intellectual, social, and personal freedom in an oppressed society.

Keywords: Pullman. Double e psychoanalysis. *Daemons*.

INTRODUÇÃO

A trilogia *His Dark Materials*², de Philip Pullman (doravante traduzida para Fronteiras do Universo), despertou o interesse de alguns autores que se debruçaram sobre as obras: *Northern Lights* (1995) (nos Estados Unidos da América publicado como *The Golden Compass*³, e em português como *A Bússula de Ouro*), *Subtle Knife* (1997) (em português, *A Faca Sutil*) e *Amber Spyglass* (2000) (em português, *A Luneta Âmbar*). Tiago Cantuário da Silveira (2015) traçou um

¹ É graduando do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês do IFAP. Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES. Email: mark.alves21@gmail.com

² O título da saga vem do poema *Paraíso Perdido* (séc. XVII), de John Milton: *Confus'dly, and which thus must ever fight, Unless th' Almighty Maker them ordain / His dark materials to create more Worlds* (MILTON, 1667, p. 46).

³ Pullman considerou nomear a trilogia como *Golden Compasses*, também uma referência ao poema de Milton: *"He took the golden compasses, prepared / In God's eternal store, to circumscribe* (MILTON, 1667, p. 145).



paralelo com o poema de John Milton, *Paraíso Perdido* (1667); Clarice Lottermann (2011) investigou a questão do maravilhoso dentro dos livros e Valter Henrique de Castro Fritsch (2022) discutiu os limites da imaginação e como entendê-la como algo tangível e palpável.

Este estudo, por sua vez, buscou compreender alguns aspectos ainda não explorados da obra de Pullman, tais como a construção de um elemento fundamental do universo literário: os *daemons*, figuras duplicadas, divididas e em guerra com sua própria subjetividade e com o mundo que os rodeia.

Desta forma, apesar de utilizar na trama elementos fantásticos, criaturas mágicas e um “herói com o qual se identifica o leitor” (TODOROV, 2012, p. 90), Pullman vai se valer de “relatos que sustentam uma declaração implícita de equivalência entre o mundo ficcional representado e o mundo real exterior ao texto” (JACKSON, 1986, p. 31). Com o intuito de construir em uma narrativa distópica que critica as instituições de poder que buscam controlar os indivíduos através da ignorância e do medo, a obra proporciona uma discussão sobre como o ser humano se apresenta e é percebido numa sociedade, despidido de suas máscaras sociais.

Diante disto, o objetivo deste estudo é realizar uma análise da representação do duplo na obra *A Bússola de Ouro*, de Philip Pullman, primeiro livro da trilogia *Fronteiras do universo*. O estudo irá se concentrar no conceito do eu-duplicado, que dentro da saga ganha os contornos de uma figura zoomórfica chamada de *daemon*, que reside fora do corpo do indivíduo, mas que é intrinsecamente ligada e inseparável do humano.

Inicialmente teceremos um breve comentário sobre a biografia do autor, em seguida elaboramos uma introdução ao universo sem fronteiras criado por Pullman, tendo em vista que é uma obra pouco conhecida e apresenta demasiados elementos fantásticos e complexos. Após essa apresentação, abordaremos a tradição do *doppelgänger* na literatura e na psicanálise e analisaremos de que forma a estética do duplo é representada na obra de Pullman. Por fim, realizaremos um estudo da relação das personagens Lyra Belacqua e Marisa Coulter com seus respectivos *daemons*: Pantalaimon e Macaco Dourado, apontando para a manifestação do duplo na construção dessas criaturas.

Esta análise busca contribuir de forma significativa para o repertório de materiais acadêmicos que podem ser usados em futuras pesquisas referentes à obra de Philip Pullman, instigando olhares mais aprofundados das diversas temáticas presentes neste universo sem fronteiras, além de fomentar e atualizar a discussão da estética do duplo.

1 EXPLORANDO O UNIVERSO DE PHILIP PULLMAN

Em meados dos anos noventa, o lançamento de um livro juvenil foi responsável por mudar o cenário literário: a história de um garoto britânico, órfão de 11 anos, que morava embaixo da escada e era maltratado pelos tios malvados e de repente descobre que além de ser bruxo, irá estudar na escola de magia mais famosa do mundo. *Harry Potter e a pedra filosofal*, lançado em 1997, fez ressurgir nas crianças e adolescentes o gosto pela leitura e o apreço por histórias fantásticas. Em contrapartida, dois anos antes, em 1995, um livro quase nos mesmos moldes também foi lançado: a história de uma menina britânica órfã, que vive em um lugar hostil e de repente é forçada a embarcar em uma aventura fenomenal; *A Bússola de Ouro* é antecessor do fenômeno Harry Potter e mesmo trazendo elementos similares nunca encontrou um sucesso de público tão grande quanto.

A trilogia *Fronteiras do universo*, de Philip Pullman, é limítrofe em termos de público: foi originalmente comercializada como um livro infantil, mas é lido igualmente por adultos. O



lançamento atraiu uma extensa controvérsia com os críticos, os quais argumentam que Pullman estava deliberadamente assumindo uma postura anticristã. Grenier (2007) aponta que, no universo criado por Pullman, a Autoridade (Deus) é um tirano sem piedade e a organização religiosa, o Magisterium, é um instrumento de dominação social, assim, o objetivo principal da protagonista é derrubar ambos.

Philip Pullman, hoje com 76 anos, é dono de uma extensa coleção de publicações. A trilogia *Fronteiras do universo* é uma saga que busca inspiração em autores clássicos como John Milton, William Blake e Heinrich von Kleist. O autor, desde muito jovem, direcionou sua trajetória para a literatura: em 1973 se formou como professor e lecionou por muitos anos na Universidade de Westminster, onde suas especialidades eram os romances vitorianos e contos populares. Pullman também ministrou cursos de análise intersemiótica. Ele eventualmente largou o magistério para escrever em tempo integral.

É necessário salientar que o foco desta análise será somente o primeiro volume da saga, *A bússola de ouro* (1995), e para tal é necessário fazer uma contextualização da história apresentada por Philip Pullman. A narrativa acontece em um universo paralelo, muito semelhante ao nosso, mas com algumas peculiaridades: a tecnologia não alcançou o mesmo patamar do nosso mundo e objetos como computadores, televisão e afins não existem. No referido panorama, a sociedade possui um comportamento cultural e estético que remonta ao séc. XIX.

Nesse plano, todos os humanos são acompanhados por um *daemon*, uma manifestação corpórea da alma. Os *daemons* das crianças podem mudar de forma, mas após a puberdade, eles adquirem uma forma definitiva, que pode ser de qualquer animal. Segundo Aldea (2006), esse conceito equivale a noção socrática de demônio no que hoje compreendemos como intuição e à concepção cristã de anjo da guarda, uma voz interior ou uma consciência que realiza as ações e os pensamentos de um indivíduo. Pullman dá a este conceito uma corporeidade, tornando-o algo concreto, valendo-se da corrente de pensamento do xamanismo, segundo a qual as figuras animais de companhia são mais do que meros animais.

Os *daemons* são o elemento mais fantástico na obra de Pullman, no entanto, o conceito de *daemon* não é novidade. Segundo Burkert em seu livro *Greek Religion* (1985), “os *daemons* (ou *daemones*) eram criaturas originárias do ar ou do éter, e, portanto, invisíveis e que podiam influenciar o comportamento humano para as boas ações” (BURKERT, 1985, p. 280). Pullman se apropriou do conceito e empregou-o, dando aos personagens características humanas e conflitos pessoais que conversam diretamente com a estética do duplo que será explorada mais à frente.

Além disso, na dimensão distópica onde existem os *daemons*, também existem as Universidades (as quais têm um grande prestígio), e o Magisterium, organização religiosa dominante que opera em paralelos equivalentes à Igreja Católica no período da Idade Média. O Magisterium exerce um forte controle sobre a sociedade em todos os aspectos, sejam culturais, acadêmicos e pessoais, estabelecendo uma manipulação ideológica em nível global. A protagonista, Lyra, é uma menina de 11 anos que vive nesse universo. Órfã, ela foi criada na Universidade Jordan, em Oxford, onde foi deixada por seu tio, Lorde Asriel. Seus principais passatempos são explorar os telhados dos prédios velhos e envolver-se em disputas com as crianças das proximidades ou com os filhos dos gípcios – povo nômade marginalizado, mestre das embarcações fluviais, se assemelham muito ao povo cigano – que aparecem na região em algumas temporadas. O *daemon* de Lyra é chamado de Pantalaimon, ou Pan, e ainda não assumiu sua forma final.

A garota sonha em acompanhar seu tio, Lorde Asriel, em uma expedição para o Norte, local onde ele passa a maior parte do tempo, imerso em suas pesquisas. Por isso, Lyra decide ajudá-lo



em uma ocasião, espiando durante uma reunião. Nesse momento, ela descobre a existência do Pó, o elemento central e motivador da trama. Trata-se de uma substância misteriosa, vista pelo Magisterium como herético, um pecado que deve ser expurgado do mundo. Paralelamente, algumas crianças nas redondezas desaparecem e correm boatos de que os sequestros seriam feitos pelos *Gobblers*⁴. No entanto, esses raptos são uma operação liderada pelo Magisterium e visa estudar os efeitos do Pó nas crianças, bem como descobrir como essas partículas podem ser removidas. Lyra se perturba com esse boato, principalmente quando seu melhor amigo, Roger, desaparece também.

Surge no caminho de Lyra uma mulher poderosa e inteligente, chamada Sra. Coulter, que promete ajudá-la a encontrar Roger e ir para o Norte. Com isso, Lyra se aproxima dela, deixa a universidade e recebe um artefato do reitor, o aletiômetro, instrumento capaz de revelar a verdade e de desvendar segredos. Assim, ela parte para uma jornada de descobertas sobre o mundo, o Pó e sobre si mesma.

O livro inaugural da trilogia apresenta uma variedade de personagens e tramas que vão sendo exploradas aos poucos e dando ao leitor uma amostra de todo o potencial que Pullman vai desenvolver posteriormente nos outros dois livros. Visto que a obra possui muitos elementos que podem e valem muito a pena serem explorados em análises mais aprofundadas. Esta análise será focada apenas nos *daemons*. A seguir, será traçado um caminho que busca entender de que forma o autor emprega o conceito do eu-duplicado levando em consideração o duplo na literatura e na psicanálise.

2 O DUPLO NO UNIVERSO DE PULLMAN

A literatura já explorou e continua a explorar o tema do duplo (*Doppelgänger*). Shakespeare, Aristófanes, Plauto, Tirso de Molina, Edgar Allan Poe, Robert Louis Stevenson, Oscar Wilde e tantos outros autores se apropriaram do tema. O duplo pode ser um personagem semelhante ao protagonista, um gêmeo, uma parte do indivíduo que se desmembra (consciência), sócia ou mesmo um desdobramento da personalidade original, muitas vezes surgindo como algo ou alguém sobrenatural. Uma das primeiras aparições deste tema foi em *A Comédia dos Erros*, de Shakespeare. Na peça, o autor duplica o número de irmãos idênticos, acrescentando ao par de gêmeos patrões um par de gêmeos criados, multiplicando sobremaneira e submissão. Nesse drama, destaca-se o fato de que o duplo começa a ser visto como trapaceiro, enganador e maléfico.

Em 1919, Freud publica o artigo *Das Unheimliche*, e afirma que o duplo – apesar de nos parecer algo de estrangeiro, estranho a nós mesmos – sempre nos acompanhou desde tempos primordiais do funcionamento psíquico, estando sempre pronto a ressurgir e provocando-nos uma sensação de inquietante estranheza. Nesse mesmo trabalho, Freud cita Otto Rank:

O tema do 'duplo' foi abordado de forma muito completa por Otto Rank (1914). Ele penetrou nas ligações que o 'duplo' tem com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte; mas lança também um raio de luz sobre a surpreendente evolução da ideia. Originalmente, o 'duplo' era uma segurança contra a destruição do ego, uma

⁴ O Conselho Geral de Oblação é um órgão do Magisterium. Seus experimentos são realizados em crianças pobres raptadas, para não despertar o interesse das autoridades. Quando começaram os sequestros, os responsáveis passaram a ser chamados de *Gobblers*, que vem da sigla em inglês, *General Oblation Board* (GOB).



‘enérgica negação do poder da morte’, como afirma Rank; e, provavelmente, a alma ‘imortal’ foi o primeiro ‘duplo’ do corpo. (FREUD, 1919, p. 12).

Em *A bússola de ouro*, Pullman resgata o duplo, que se apresenta como a animalização da alma: anda com o humano lado a lado, ligados por um elo invisível, porém inquebrável. Assim nos é apresentado inicialmente, mas ao longo da trama, Pullman vai tratar de quebrar algumas regras. Rank destaca que “uma série de investigações relacionadas ao folclore mostrou, sem dúvida alguma, que os homens primitivos consideram seu misterioso duplo, a sombra, como a real essência da alma” (RANK, 2013, p. 49).

Na bibliografia de Pullman, o tema do duplo remonta a alguns anos antes do lançamento do livro analisado. Em *Spring-Heeled Jack* (1989), o autor prefigura esta ideia na forma de uma traça lúgubre que se agita como a consciência do vilão. Ou seja, essa temática do *doppelgänger* que atua como a alma/consciência de uma personagem não era novidade para Pullman, mesmo o autor não falando explicitamente sobre esse conceito.

A personificação do duplo endógeno zoomórfico que partilha a companhia do ser humano na obra de Pullman remonta a tradições ancestrais que interpretavam essa figura duplicada como um espírito protetor: “[...] na opinião de alguns pesquisadores, a crença em um espírito protetor, que se desenvolveu a partir da superstição da sombra, está intimamente relacionada com a duplicidade” (RANK, 2013, p. 43). Uma sombra que vaga sem rumo no plano astral eventualmente atuaria como consciência, tornando-se o duplo de um indivíduo no momento de seu nascimento e acompanhando-o até a morte. Pullman reinterpreta Rank (2013) ao criar esse laço entre o humano e o *daemon*.

Outro aspecto do duplo de Rank considerado por Pullman refere-se a dualidade entre o lado racional e o emocional. No trecho abaixo, essa relação de conflito se dá em uma cena de ciúme:

O duelo contra o duplo aparece aqui no modo como o sobrinho, banido em um corpo de touro, quase mata o seu eu corporal (agora com outro cérebro) num momento de ciúme... O extremo só é evitado porque o tio, no momento crítico, interrompe o bizarro duelo entre eu-humano e eu-bestial com o clamor: “Querido amigo, assim matas a ti mesmo!” (RANK, 2013, p. 48).

Percebe-se que ter parte da sua essência exposta sob a forma de uma figura animal implica numa vulnerabilidade física e emocional que pode ser interpretada como uma desvantagem dos indivíduos desse universo. Por isso, é interessante notar como cada personagem principal é detentor de um *daemon* que reflete muito da sua força e fraqueza, e ao longo da trama embates mentais para encobrir determinados traços da personalidade são travados.

Na obra *A bússola de ouro*, o duelo entre a razão e a emoção é um dos grandes dilemas que a protagonista da trama enfrenta. Observa-se que durante os conflitos entre humano e seu duplo zoomórfico, o *daemon* representa a voz de consciência na mente do indivíduo impulsivo, sendo que ambos aprendem e evoluem apenas quando estão em acordo mútuo. O oposto também é observado em outras personagens.

A principal particularidade quanto aos *daemons* é a questão da metamorfose: quando um sujeito ainda está na tenra idade, seu *daemon* pode assumir a forma de qualquer animal. Essas mudanças são caracterizadas pelos sentimentos e conflitos presentes na criança, mas ao chegar à adolescência o duplo assume uma forma fixa que vai representar a verdadeira forma psicológica da pessoa:



– Ah, eles sempre ficam com uma só, e sempre fixarão. Faz parte de crescer. Vai chegar um tempo em que você vai ficar cansada de tantas mudanças dele, e vai querer que ele tenha uma forma estabelecida. [...]

– Saber que tipo de pessoa você é. A velha Belisária, por exemplo; ela é uma gaivota, o que significa que eu sou uma espécie de gaivota, também. Não sou grandioso, esplêndido, nem bonito, mas sou durão e consigo sobreviver em qualquer lugar, e sempre arranjo comida e boa companhia. Vale a pena saber disso. E quando o seu daemon se estabelecer numa forma, você vai saber que tipo de pessoa é (PULLMAN, 2000, p. 158-9).

Na passagem, a protagonista Lyra questiona o motivo da fixação do *daemon*. Dessa forma, o que Pullman demonstra é que os indivíduos não possuem "máscaras sociais" (*persona*), pois uma pessoa pode ser julgada conforme a forma que seu *daemon* assume, como ocorre no seguinte excerto: "Lyra prendeu a respiração ao ver o *daemon* do criado (um cão, como os *daemons* de todos os criados) entrar trotando e sentar-se em silêncio aos pés dele..." (PULLMAN, 2007, p. 13). Observa-se que os *daemons* assumem determinadas figuras fixas influenciados pela configuração social; nota-se por exemplo, que gípcios geralmente possuem pássaros como duplo, os catedráticos são retratados tendo contrapartes anfíbias e os criados têm cães ou gatos como *daemons*. Dessa forma, entende-se que a classe/casta a que o indivíduo pertence "molda" sua consciência a ponto de o arquétipo zoomórfico representar essa característica do papel desempenhado nessa mesma sociedade.

Ainda sobre a metamorfose dos *daemons*, em determinado momento a personagem Lorde Asriel mostra a Lyra a Bíblia do mundo deles, e ela lê sobre a visão religiosa de como se deu a fixação dos duplos:

Viu, pois, a mulher que (o fruto da) árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e uma árvore desejável para revelar a forma verdadeira do daemon de alguém; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram, e eles viram a forma verdadeira de seus *daemons*, e falaram com eles (PULLMAN, 2007, p. 340-41).

Assim como em nossa gênese bíblica, Eva foi a responsável por dar o conhecimento à humanidade, vista como culpada pela queda da humanidade. Nota-se aqui o acréscimo do elemento *daemon*; entende-se que até então os humanos não tinham consciência de suas almas, mas ao cair, passaram a falar com seus duplos e a ser aconselhados por eles, ou seja, deixaram de ser controlados pela Autoridade e tornaram-se independentes. Essa visão de mundo é renegada por Lorde Asriel, mas será explorada mais a fundo nos livros posteriores.

O universo de Pullman não se limita a explorar apenas os humanos ordinários. Ao longo da trama tomamos conhecimento da existência das feiticeiras, que, em contraste às figuras maléficas vistas em obras como *João e Maria*, e *As Crônicas de Nárnia* e as que saem voando em vassouras na obra *Harry Potter*, em Pullman, por outro lado, são retratadas como mulheres altivas, guerreiras poderosas que voam pelos céus montadas em seus galhos de pinheiro nubígeno, imunes à passagem do tempo. Além disso, são munidas de arco e flecha, trajando vestes de seda, similares ao arquétipo da deusa da caça e da lua na mitologia grega, Ártemis. Essas "feiticeiras têm o poder de se separar de seus *daemons* a uma distância muito maior do que nós. Se for preciso, elas podem mandar seus *daemons* viajar para terras distantes, ou até as nuvens, ou até o fundo do mar" (PULLMAN, 2007, p. 156). Tal aspecto torna esses personagens singulares.



Essa separação do *daemon* e da feiticeira só é possível através de um ritual de passagem exigido para todas as jovens que almejam ser guerreiras completas, um processo descrito como extremamente doloroso, mas que faz parte da cultura dessas mulheres. Muldoon & Carrington (1929, s.p.) acreditam que o *Ka* do antigo Egito, literalmente o “duplo” de um morto, era equivalente ao corpo astral moderno, dotado de liberdade para perambular por onde quisesse. Mas diferentemente da projeção astral onde um corpo precisa estar em repouso para que seu espírito possa vagar, as feiticeiras podem atuar livremente afastadas de seus *daemons*, sendo capazes de receber e enviar pensamentos ou compartilhar da morte simultânea.

O fenômeno de divisão do *daemon* de seu humano não é exclusivo das feiticeiras; em determinado momento do livro, Lyra vai se deparar com um menino, Tony Makarios, que passou por um procedimento que cortou o elo entre ele e seu *daemon*, Rateira. Nesse trecho, observa-se que: “um ser humano sem *daemon* era como uma pessoa sem rosto, ou com as costelas à mostra e o coração arrancado: uma coisa antinatural e estranha, que pertencia ao mundo dos pesadelos noturnos, não ao mundo desperto e racional” (PULLMAN, 2007, p. 201). Essa separação abrupta entre o Tony e a Rateira foi uma operação realizada pelos *Gobblers* com o intuito de evitar que o Pó se concentrasse no garoto.

Infelizmente a ação tem um preço muito grande, a vida dele. Pullman utiliza a passagem para ilustrar a ignorância e o fanatismo com o qual o Magisterium atua para expurgar aquilo que é considerado pecado, mas também serve para mostrar que um humano não consegue viver desvinculado de seu duplo. Diferentemente, o que ocorre com as feiticeiras, que podem se separar, mas continuam vinculadas ao *daemon*, a ligação entre Tony e Rateira havia sido cortada para sempre.

A operação executada no garoto, e em outras dezenas de crianças, era uma estratégia de controle do Magisterium: eles realizavam o corte entre o indivíduo e seu *daemon*, ou seja, separavam o homem e a consciência. Isso era feito ainda na infância quando o Pó, caracterizado como livre arbítrio, ainda não havia se fixado. O intuito era criar uma sociedade manipulável e obediente, temente a uma Autoridade manipuladora. Essas ações do Magisterium vão repercutir ao longo de toda a trama da primeira obra e nos livros posteriores, como visto na passagem de *A Faca Sutil*:

[...] Quando não consegue controlá-los, ela os corta. Algumas de vocês têm conhecimento do que fizeram em Bolvangar. Aquilo foi horrível, mas não é o único lugar, nem a única prática deles... Lá existem Igrejas, acreditem, que cortam crianças também, não de igual maneira, mas de uma forma igualmente horrível: cortam fora os órgãos sexuais, sim, de meninas e meninos, para que não possam sentir prazer. É isso que a Igreja faz, e toda a Igreja é igual: quer controlar, destruir, obliterar cada sensação agradável (PULLMAN, 2013, p. 51).

Pullman faz questão de ressaltar que esse corte realizado para separar as crianças de seus *daemons* não é apenas uma ação para enfatizar a crueldade do Magisterium, mas sim uma crítica a um sistema de poder que insiste em impor suas crenças e ideologias, além de mostrar, também, como o fio invisível que une o duplo/alma e seu humano é imprescindível: um não consegue viver sem o outro quando separados artificialmente.

3 UM ESTUDO DA RELAÇÃO DAS PERSONAGENS E SEUS DAEMONS



Lyra Belacqua⁵ ou Lyra da Língua Mágica – Lyra *Silvertongue* no original, sobrenome ao qual a protagonista irá usar com orgulho nos livros seguintes – e seu *daemon* Pantalaimon – (Παντελεήμων *Panteleēmon*), do grego "todo-compassivo" – são apresentados já na primeira página de *A bússola de ouro*. Pullman (2013) estabelece que, apesar de serem duas figuras distintas, uma menina e uma criatura animalesca metamórfica, ambas são a mesma pessoa. Segundo o autor, “Lyra sentia a aflição de Pantalaimon, embora este não emitisse um único som. Ela própria estava achando delicioso aquele friozinho na barriga...” (PULLMAN, 2007, p. 13).

Na obra, observa-se que Lyra, inicialmente, é apresentada apenas como uma menina curiosa, obstinada e impetuosa. Assim como em outras obras fantásticas, Lyra ganha algumas características intrínsecas a de outros heróis da ficção. Ela é apresentada como uma órfã, teimosa, incompreendida. Na saga esse último traço ganha um peso maior, visto que a menina de apenas 11 anos mora em uma universidade e majoritariamente é cercada por figuras masculinas de poder. Mas, aos poucos, o autor desenha os principais traços da personalidade e do caráter da protagonista, através de ações, pensamentos e interações com seu *daemon*. Desse modo, a personagem é descrita como aquela que “tem, eu acho, DNA de muitos lugares: dos malandros em antigas baladas inglesas, de William Brown e seus Outlaws, da órfã Cinderela (não a da Disney; as versões dos séculos 17 e 18, que tinham sagacidade e astúcia e uma borda de crueldade do seu lado” (RUNDELL, 2019, tradução nossa).

Pullman não idealizou a personagem como um exemplo a ser seguido, ou um modelo de heroísmo tradicional como vistos nas obras de Tolkien e C.S Lewis. Lyra é uma personagem complexa que reflete muito da realidade de Pullman, ela é falha e cheia de camadas que são exploradas ao longo de toda a saga:

Lyra veio até mim como ela era. Eu não mudei nem um pouco, nem alterei nada a seu favor. Tendo ensinado em escolas de ensino médio por 12 anos ou mais, eu estava bem ciente de que havia uma Lyra em cada classe. O ponto que eu sempre faço, quando perguntado sobre isso, é que Lyra não é especial. Ela é ordinária, para não dizer comum. Mas são as qualidades que ela compartilha com tantas garotas reais que a ajudam quando ela se encontra em circunstâncias extraordinárias (RUNDELL, 2019, tradução nossa).

Lyra é apenas uma parte dessa complexa personagem. Pantalaimon, que será chamado a partir de agora apenas Pan, como na obra é o *daemon*, ou simplesmente a alma da garota em sua forma animal. Pullman (2013) mostra o que, compõe a segunda parte dessa figura fraturada, segundo o autor: “Pantalaimon, em sua aflição, transformava-se rapidamente: leão, arminho, águia, gato-do-mato, salamandra, coruja, leopardo, todas as formas que ele já havia tomado...” (PULLMAN, 2007, p. 358). Pan atua majoritariamente como a consciência de Lyra, em todos os momentos que a garota tem dúvidas, medo, anseios ou curiosidade; seu *daemon* oferece conselhos, dá sermões ou uma palavra de conforto. Mas existem alguns aspectos da personalidade de Lyra/Pan que remetem à maior inspiração do autor.

⁵ O nome veio, originalmente, de um mal-entendido. Pullman disse à *New Yorker*: "Havia um hino que eu particularmente gostava chamado 'Jesus Cristo ressuscitou hoje, aleluia' ... E sob o número do hino, geralmente estava o nome do autor. Neste caso, o nome ali era Lyra Davidica". Era, pensou ele, um bom nome. "Na verdade, o que Lyra Davidica quer dizer é a 'harpa de David'. Lyra é uma palavra grega para um instrumento musical como uma harpa" (RUNDELL, 2019, tradução nossa).



A trilogia de Pullman estabelece uma relação intertextual com o poema épico *Paraíso Perdido* (MILTON, 1667) “[...] o que liga as duas obras é uma referência comum pela dignidade humana e um reconhecimento da complexidade, tanto dos seres humanos quanto da narrativa” (MALIK, 2019). Na trama, Lyra eventualmente ganha o papel de Nova Eva, a responsável por trazer a queda a humanidade novamente, e retomando ao poema de Milton lê-se:

“[...] A vez primeira despertei, deitada
À sombra de mil flores, e admirando,
Sem o entender, o sítio onde me via,
Quem fosse, e como viera ali e donde. [...]
[...] Mal que me inclino para baixo olhando,
Eis que dentro aparece uma figura
Que para mim a olhar também se inclina:
Medrosa me retiro, e ela medrosa
Retira-se também; mas complacente...”
(MILTON, 1667, p. 156).

A passagem retrata a primeira reação de Eva, que ao acordar e se ver refletida num espelho d’água, espanta-se; a personagem é curiosa e mesmo tendo poucos minutos de vida buscou entender onde estava e o motivo. Mas acima de tudo, o que ela demonstrou foi admiração a si mesma, e essas são algumas das características presentes em Lyra para com seu *daemon* e vice-versa.

No trecho em que Lyra e Pan estão dormindo fica evidente que ambos nutrem um amor muito grande um pelo outro: a ligação inseparável entre eles é um dos motivos principais desta relação tão poderosa, mas também a cumplicidade e companheirismo. “Logo estava dormindo a sono solto, com Pantalaimon enrolado em seu pescoço, na sua forma de dormir favorita: como um arminho” (PULLMAN, 2007, p. 33). Nesse cenário, o que se vê é que enquanto a Eva de Milton reage diante de sua própria imagem refletida na água, Lyra, a Eva de Pullman, reage à sua própria imagem refletida em Pan.

Embora a atuação de Lyra como nova Eva não seja retratada neste primeiro livro, só posteriormente (em *A Faca Sutil* e *A Luneta Âmbar*), é importante citar aqui, uma vez que esse elemento da narrativa é fundamental para o entendimento da personagem. O fator principal que difere a representação do duplo Lyra/Pan em *A bússola de ouro* de outras obras como *William Wilson* (1839), de Edgar Allan Poe; *O médico e o monstro* (1886), de Robert Louis Stevenson, e *O retrato de Dorian Gray* (1890, 1891), de Oscar Wilde, é o fator da relação afetiva.

Um homem muito inteligente tinha a capacidade de invocar seu duplo perante si. Ele sempre ria da visão, e o duplo lhe respondia com a mesma risada. Ele se divertiu com o jogo perigoso por muito tempo; contudo, o desfecho foi ruim. Ele gradualmente ficou convencido de que era perseguido por si mesmo, e como o outro Eu o atormentava, provocava e irritava incessantemente, um dia ele decidiu dar um fim àquela triste existência (HANK, 2013, p. 23).

Pan e Lyra atuam em concordância, na maioria das vezes. Não existe no livro essa estranheza ou sentimento de perseguição que o advogado Utterson enfrenta na trama de Stevenson. Um dos fatores que mais contribuem para a construção deste laço sentimental é a união, isto é “[...] ela e Pantalaimon sentiam os pensamentos um do outro, e tentaram ficar calmos [...]” (PULLMAN, 2007, p. 220). Essa capacidade de compartilhar os pensamentos e sentir o que o outro sente possibilita



que ambos tenham medo pela própria segurança, “Pantalaimon transmitiu-lhe um pensamento: Só ficaremos em segurança se soubermos fingir” (PULLMAN, 2007, p. 259).

Cunha (2009) discorre sobre a estética do duplo endógeno e seu perfeito desdobramento, o compartilhamento de traços similares entre o sujeito e sua “sombra” resulta em uma relação de harmonia e cumplicidade entre as duas partes, como é visto entre Lyra e Pan, mas a relação oposta e conflitante entre os dois lados do duplo pode acarretar em uma relação tempestuosa e nada saudável.

Esse fenômeno de oposição conflituosa pode ser notado na construção de outra personagem. Marisa Coulter – Sra. Coulter – é a principal antagonista de Lyra ao longo da trama. A Sra. Coulter inicialmente é apresentada como uma dama graciosa e benévola, uma pessoa extremamente confiante, que “[...] nunca tinham visto uma mulher assim; ela era tão graciosa, simpática e boazinha que elas sentiam que não mereciam tamanha sorte, e fariam com prazer tudo que ela pedisse, apenas para ficar mais um pouco na presença dela” (PULLMAN, 2007, p. 47). Mas “O *daemon* da jovem dama estava se destacando do casaco de pele de raposa. Ele tem a forma de um macaco, mas não um macaco comum: tem os pelos compridos e sedosos, de um tom dourado forte e lustroso” (PULLMAN, 2007, p. 45). Devido à caracterização do seu *daemon*, a personagem também parece guardar muitos segredos.

Essas duas figuras, a Sra. Coulter e o Macaco Dourado (vale mencionar que esse *daemon* não tem um nome em particular, nem voz própria), desempenham na obra um contraponto muito interessante se comparado à Lyra e Pan. A mulher exerce um controle muito grande sobre seu duplo, suprimindo a identidade da criatura e impondo-se como o eu dominante. Não existe união e cumplicidade, pois ela desfaz a ideia de completude, destrói a percepção que cada um tem de si mesmo como unidade. Essa visão do duplo foi apontada por Kristeva (1994):

Inquietante, o estranho está em nós: somos nós próprios estrangeiros – somos divididos. [...] O meu mal-estar em viver com o outro – a minha estranheza, a sua estranheza – repousa numa lógica perturbada que regula esse feixe estranho de pulsão e de linguagem, de natureza e de símbolo que é o inconsciente, sempre já formado pelo outro. É por desatar a transferência – dinâmica maior da alteridade, do amor/ódio pelo outro. [...] Como poderíamos tolerar o estrangeiro se não soubermos estrangeiros para nós mesmos? (KRISTEVA, 1994, p. 190-191).

É revelado posteriormente que a Sra. Coulter é a líder e criadora dos *Gobblers*, sendo responsável por sequestrar as crianças para os experimentos. Ela atua em conjunto com seu macaco dourado para realizar atos hediondos, e é somente nesses momentos em que os dois atuam em consonância para performar seus ideais. Fernandez-Bravo (2000) argumenta que a duplicação de um sujeito pode conduzir à loucura ou à morte; a fragmentação da consciência impossibilita uma relação saudável do eu com si mesmo, uma vez que essa cisão impede o acesso à realidade concreta. A face doce e acolhedora da Sra. Coulter esconde as perfídias realizadas pelo macaco e vice-versa, e ambos parecem sentir repulsa um pelo outro, ou seja, eles não se aceitam.

Essa estranheza entre a Sra. Coulter/macaco dourado vai ser expandida para outro aspecto que foi apontado anteriormente, a separação *daemon*/humano: “Lyra percebeu que a Sra. Coulter estava sozinha, sem seu *daemon*. Como podia ser isso? Mas, no momento seguinte, o macaco dourado apareceu ao lado dela” (PULLMAN, 2007, p. 92). Diferentemente das feiticeiras, que estão em harmonia com seus *daemons* ao se separarem, a Sra. Coulter domina seu duplo, de forma a tratá-lo como um “serviçal”, mas é um ato que causa nela consequências visíveis: “Sra. Coulter



parecia estar carregada de alguma espécie de força anárquica. Chegava a ter um cheiro diferente: um cheiro quente, como metal aquecido” (PULLMAN, 2007, p. 91). Levantamos uma questão: seria ela uma feiticeira, então?

A adaptação televisiva da HBO, *His Dark Materials* (2019-2023), que no Brasil ganhou o título de *Fronteiras do Universo*, traz Ruth Wilson como a Sra. Coulter, e é interessante ressaltar a leitura que a atriz fez da personagem:

Ao elaborar a psicologia de porquê ela é assim, para mim a pista estava sempre no macaco. O macaco não fala e o macaco não tem um nome, então para mim sempre pareceu que havia algo vergonhoso que ela não está nomeando em si mesma, que ela está reprimindo. Eu criei minha própria teoria – minha versão de como a Sra. Coulter se tornou quem ela é, olhando para o macaco. Em público, eles trabalham juntos como uma espécie de mestres manipuladores, mas em particular eles não suportam estar perto um do outro. Há uma cena em que ela dá um tapa em seu macaco e é como se ela estivesse se esbofeteando, porque, em última análise, ela se odeia. Ela realmente se odeia (KURTZ, 2020, tradução nossa).

A personagem torna-se mais interessante e desafiadora de analisar quando colocamos em consideração o fato de Lyra ser filha dela. Resumidamente, a criança foi fruto de um amor proibido que gerou uma série de problemas irreversíveis e resultou no abandono da própria prole em prol de manter um status respeitável em uma sociedade misógina. Analisamos que a construção da psique da Sra. Coulter depende inteiramente da relação com sua filha, Lyra. A mulher busca a todo momento sanar uma lacuna deixada pela negligência parental, mas em várias passagens seu duplo vai atuar de forma a revelar suas verdadeiras intenções.

A construção da relação das duas personagens é o foco de alguns capítulos, pois, inicialmente, ambas nutrem uma curiosidade pela presença da outra, a filha que desconhece a identidade matriarcal e a mãe que busca conhecer a filha abandonada, mas logo, a essência (duplo) revela sua verdadeira face: “[...] Poucos segundos depois, o macaco tinha uma das patas negras em volta da garganta de Pantalaimon...Lyra chorava de terror. – Não! Por favor! Pare de nos machucar!” (PULLMAN, 2007a, p. 86-87). A forma de amor que a Sra. Colter conhece é expressa através do controle e da dor, algo que ela realiza com seu próprio *daemon*, que por sua vez reproduz os atos de forma a procurar a validação da sua metade.

Lyra/Pan e Sra. Colter/macaco dourado representam modalidades paradoxais do duplo endógeno. Cunha (2009) aponta que:

Podem ocorrer duas modalidades: a) o DUPLO apresenta, segundo o julgamento do “eu”, características positivas, sendo resultante de um processo de identificação entre o “eu” e o seu DUPLO; b) o DUPLO apresenta, de acordo com o julgamento do “eu”, características negativas, resultantes de um processo de oposição entre o “eu” e o seu DUPLO, pela constatação de uma não correspondência de traços ou características afins. Desta forma, podemos deparar com um ambiente ou contexto em que o sujeito e o seu DUPLO coexistem em perfeita simbiose, ou então, sujeito e o seu DUPLO afirmam-se e afastam-se pela iminência de uma diferença consagrada (CUNHA, 2009, E-dicionário s.p.).

Desta forma, Lyra/Pan são a personificação do duplo endógeno com características positivas, uma vez que suas interações demonstram a união e companheirismo, a garota abraça seu duplo como uma parte fundamental de si mesma, evoluindo ao longo da trama e aprendendo a confiar e



a ouvi-lo mais. Eles encontram-se um no outro a força de vontade e a coragem para prevalecer independentemente da situação, acarretando numa união perfeita.

Em contrapartida, a Sra. Coulter/macaco dourado reproduzem o duplo endógeno com traços negativos: o relacionamento dos dois é fraturado, pois não havendo espaço para momento de carinho ou acolhimento entre eles, ocorre uma submissão da sombra que não tem voz própria, que torna a figura zoomórfica agressiva, ressentida e alquebrada, demonstrando uma profunda ferida psicológica.

CONSIDERAÇÕES FRONTEIRIÇAS

Este artigo propôs realizar uma análise da obra *A bússola de ouro* (1995), de Philip Pullman, com o foco no elemento *daemon* (alma/consciência), sob a estética do Duplo zoomórfico endógeno, dando destaque a um aspecto ainda não explorado na fortuna crítica sobre esse autor. A análise das personagens foi o foco principal do estudo, pois, segundo Moisés (2007, p. 111), “[...] a tarefa do analista reside no confronto entre as diversas descrições da personagem, no rumo de suas metamorfoses patentes ou recônditas”. Existem diversos elementos fantásticos que despertam a atenção do leitor, no livro inaugural da trilogia de Pullman, mas o cerne da história reside no desenvolvimento da psique das personagens principais, sendo a dinâmica humano e *daemon* a mais interessante de ser analisada uma vez que demonstra como o autor valeu-se do conceito do sujeito duplicado para explorar diversas facetas de um mesmo indivíduo.

A estética do duplo apresenta uma variedade de conceitos, dentre eles se destacam: *doppelgänger*, gêmeos do mal, sombra, fantasma, espelho, o estranho entre outros, mas o foco desta pesquisa foi analisar o duplo como a representação da alma. Rank (2013) destaca, em sua obra *O Duplo*, uma série de pesquisas que apontam a concepção da alma, em várias culturas ao redor do mundo, como a duplicação de um indivíduo, um “companheiro” unido até a morte. Freud postula sobre o duplo, usando os trabalhos de Rank como sua base teórica: ele acredita ser o duplo “uma criação que data de um estado mental muito primitivo, há muito superado” e que o ego projeta para fora esse material, “como algo estranho a si mesmo” (SOARES, 2019, p. 33). Pullman retoma esse conceito de forma literária em sua obra, ao explorar a relação Lyra/Pan, a Sra. Coulter/Macaco dourado que atuam de maneira distintas com seus duplos, não os tendo como algo estranho de si, mas parte de suas personalidades/consciência/alma recriando a dinâmica apontada por Cunha (2009) sobre o duplo endógeno.

Ao tomar *O Paraíso Perdido* de Milton como referencial de criação do universo de *Fronteiras do Universo*, Pullman elege Lyra como Eva e dá a essa personagem a importante missão de recriar a queda da humanidade. Ao entender como se dá a atuação de Lyra nos acontecimentos, o leitor compreende o discurso narrativo, que demonstra como a castração da alma/consciência dos indivíduos pelo Magisterium era uma forma de evitar que a humanidade progredisse e se libertasse das mãos de ferro da Autoridade. Lyra representa a mudança necessária para a emancipação humana/*daemons*.

Um aspecto que não foi abordado porque foge do objetivo deste artigo, mas é válido de ser trabalhado em estudos futuros são os arquétipos junguianos *Anima* e o *Animus*. Na realidade psíquica o *animus* representa o lado masculino inconsciente de uma mulher, e o *anima* o lado feminino inconsciente de um homem, cada um transcendendo a psique pessoal, sendo esses dois arquétipos da mente inconsciente. Foram apontados por Carl Jung (1875-1961) e Emma Jung (1967), em seus trabalhos sobre o duplo na psicanálise, e podem ser notados na obra de Pullman, através da oposição de gênero entre os humanos e seus *daemons*.



Por fim, é interessante perceber que o autor buscou tornar sua obra um material repleto de analogias ao mundo contemporâneo, apesar de ser uma história com teor fantástico, e ter espaço num universo à parte, as ações presentes na trama de *A Bússola de Ouro* refletem discussões pertinentes como: controle religioso, livre arbítrio, luta contra sistemas autoritários e ideologias diferentes, fazendo desta saga um objeto de pesquisa extremamente rico e cheio de possibilidades futuras.

REFERÊNCIAS

ALDEA, Víctor. Estudio. *Philip Pullman: el realismo de la fabulación*. CLIJ (*Cuadernos de Literatura Infantil y Juvenil*) n. 194, Junio 2006. Disponível em:

<http://www.revistas culturales.com/articulos/33/clij-cuadernos-de-literatura-infantil-yjuvenil/583/7/estudio-philip-pullman-el-realismo-de-la-fabulacion.html>

Acesso em: 13 de fev. 2023 às 15:24.

BÄCHTOLD-STÄUBLI, Hanns (org.) *Handwörterbuch des deutschen Aberglaube* [Dicionário de bolso das superstições alemãs]. 10 vols. Walter de Gruyter & Co, Berlim e Leipzig, 1927-1942.

BURKERT, Walter. *Greek Religion*. Oxford: Blackwell Publishing, 1985.

CUNHA, Carla. "Duplo". In: CEIA, Carlos (Org). **E-Dicionário de Termos Literários**.

2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/duplo>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FERNANDEZ-BRAVO, Nicole. "Duplo". In: BRUNEL, Pierre (Org). **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussekind et al. 3. Ed. Rio de Janeiro: RJ. Olympio. 2000.

FREUD, Sigmund. **O Estranho**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.

GRENIER, Cynthia. "*Philip Pullman's Dark Materials*". The Morley Institute Inc, October 2001. Retrieved 5 April 2007. Disponível em: <Library : Philip Pullman's Dark Materials | Catholic Culture>. Acesso em: 27 de fev. 2023 às 14:19.

JACKSON, R. **Fantasy: literatura y subversión**. Buenos Aires: Catalogos editora, 1986.

KRISTEVA, Julia. 1994. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco.

KURTZ, Sangeeta Singh. The Cut. *Ruth Wilson On Playing the Mother of All Evil "She's a fairy godmother and a wicked witch"* NOV. 23, 2020. Disponível em: [His Dark Materials: Ruth Wilson on Mrs. Coulter's Dark Side \(thecut.com\)](His Dark Materials: Ruth Wilson on Mrs. Coulter's Dark Side (thecut.com)). Acesso em: 02 de fev. 2023 às 03:30.

MALIK, Kenan. *From Milton to Pullman, the quest for truth is riddled with ambiguity*. The Guardian, Sun 29 Dec 2019 07.03 GMT. Last modified on Mon 30 Dec 2019 03.06 GMT. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/dec/29/from-milton-to-pullman-the-quest-for-truth-is-riddled-with-ambiguity>. Acesso em: 27 de fev. 2023 às 02:19.

MILTON, John. *Paradise Lost*. Renascence Editions. Text typed by Judy Boss in Omaha, Nebraska. HTML conversion by R.S. Bear, December 1997. Disponível em:



<https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/767/lost.pdf?sequence=1>.

Acesso em 28 de fev. 2023 às 13:22.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo : Cultrix, 2007.

MULDOON, Sylvan & CARRINGTON, Hereward C. (s. d.) **Projeção do corpo astral**. (Filho, J. A. Trad.). São Paulo: Pensamento. (Publicado em 1929 E.U.A).

PULLMAN, Philip. **A bússola de ouro**; tradução Eliana Sabino. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PULLMAN, Philip. **A faca sutil**; tradução Eliana Sabino. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

RANK, Otto. **O duplo**: um estudo psicanalítico. Trad. Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz et al. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

RUNDELL, Katherine. **Last year 362 Lyras were born': why we love Philip Pullman's heroine**, The Guardian. Fri 1 Nov 2019 09.00 GMT. Last modified on Mon 11 Nov 2019 15.27 GMT. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2019/nov/01/how-philip-pullman-lyra-won-the-world>.

Acesso em: 27 de fev. 2023 às 00:36.

SANTOS, Adilson. **Um périplo pelo território duplo**. 2009. Revista Investigações - Linguística e Estudos Literários. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. ISSN Edição Digital 2175-294X - ISSN Edições Impressas 0104-1320.

SOARES, Lenice Alves. **Das Unheimliche ou "O estranho" de Freud**. Revista Abusões, Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, p. 9-39, 2019. Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/42193>. Acesso em: 08 de nov. 2023 às 13:36.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.